



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: espanhol.]

A vida matrimonial.

Os primeiros anos de matrimônio: um tempo decisivo

Escutar e acompanhar os casais nos primeiros anos de vida matrimonial e em cada etapa da vida

Sábado, 10 de outubro de 2026

Prof.^a María Marcela Mazzini

Mistagogia do vínculo sacramental

Aprendendo a arte espiritual de ser cônjuges

Santo Padre, Eminências, Excelências, queridos irmãos e irmãs:

Gostaria de iniciar esta reflexão com uma pergunta simples, mas decisiva para a teologia e a pastoral matrimonial: o que realmente acontece após a celebração do casamento? Duas pessoas pronunciaram seu consentimento, celebraram o sacramento e disseram uma à outra: “Eu te recebo”. No entanto, é justamente nesse momento que começa o longo e paciente aprendizado de acolher verdadeiramente o outro, a passagem sempre inacabada do “eu” e do “tu” para o “nós”. Minha proposta é interpretar os primeiros anos de casamento como uma verdadeira mistagogia do sacramento celebrado.

A Igreja antiga chamava de mistagogia a introdução progressiva a um mistério já recebido sacramentalmente: o que havia sido celebrado era verdadeiro e eficaz, mas precisava ser compreendido interiormente e apropriado vitalmente. Algo semelhante acontece no casamento. O consentimento inaugura um vínculo real, uma *communio personarum* chamada a acolher progressivamente sua própria verdade: a passagem do *sacramentum celebratum* para o *sacramentum vivendum*, sem separar o dom da tarefa nem a graça da liberdade. *Amoris laetitia* expressa isso com clareza: o “sim” dos cônjuges “é o início de um itinerário” e o matrimônio não pode ser entendido como “algo concluído” (AL 218).¹

O matrimônio participa, segundo Efésios 5, do *mysterion* do amor entre Cristo e a Igreja, de modo que a pertença recíproca dos cônjuges é chamada a tornar visível um amor fiel, corporal, fecundo e pascal.² O sacramento não fica para trás na história, no dia do casamento: a graça recebida deseja se desenvolver nele. Por isso, os primeiros anos são mistagógicos: o que foi celebrado diante do altar deve se concretizar na cozinha, no quarto, no choro de um filho, em uma conta bancária, em uma

¹ Cf. Dionisio Borobio, *Pastoral de los sacramentos* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 1996), 43–54, 261–92. Cf. Francisco, exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia* (19 de março de 2016).

² Ef 5,21–33; Concílio Vaticano II, constituição pastoral *Gaudium et spes*, n. 48; João Paulo II, exortação apostólica *Familiaris consortio* (22 de novembro de 1981), n. 13; Catecismo da Igreja Católica, nn. 1639–42.

discussão e em uma reconciliação. O mistério se torna cotidiano e o cotidiano pode se tornar epifânico.

1. A realidade fala

Ouçamos a experiência: os primeiros anos exigem reorganizar dinheiro, trabalho, tarefas domésticas, famílias de origem, sexualidade e, com frequência, a chegada dos filhos. A satisfação conjugal pode diminuir, embora a deterioração não seja inevitável. Quatro núcleos de crise revelam essa dimensão pascal cotidiana.

O primeiro é a comunicação e a regulação do conflito: a crítica, a defensividade, o afastamento emocional ou a dificuldade em reparar erodem a segurança do vínculo, e a relação é recíproca, pois a má comunicação deteriora o matrimônio e um vínculo deteriorado dificulta a boa comunicação.³ O segundo é a organização da vida em comum — tarefas, cuidados e carga mental —, onde não se discute apenas quem faz o quê, mas o que essa distribuição significa em termos de reconhecimento, reciprocidade e justiça.⁴ O terceiro é a economia e o projeto de vida: prioridades, moradia, trabalho e planos futuros. E o quarto é a sexualidade e a intimidade, onde diferenças de desejo, cansaço, fertilidade e formas de expressar afeto se entrelaçam com a qualidade geral do vínculo.⁵

Essas crises formam um sistema: a pressão econômica aumenta a sobrecarga; a sobrecarga gera cansaço e ressentimento; o ressentimento deteriora a comunicação e a intimidade. O que é decisivo não é a ausência de conflito, mas a capacidade de ser uma equipe, reconhecer o esforço do outro e restaurar o vínculo — um itinerário pascal de morte e ressurreição cotidianas. Aqui, a realidade nos leva à questão teológica fundamental: o que está em jogo? A meu ver, a capacidade de passar do “eu” e do “tu” para o “nós”.

2. O “nós” conjugal: dom e tarefa

O “nós” não surge automaticamente pelo fato de duas pessoas se amarem, nem é a soma de dois indivíduos, nem uma fusão, mas sim duas culturas familiares que dão origem a uma terceira, nova e irrepetível. A comunhão autêntica existe onde permanece a alteridade: somos um sem deixar de ser dois; nossa história se torna comum sem que o mistério do outro deixe de me transcender.⁶

Do consentimento não nascem apenas obrigações: nasce um vínculo com memória, feridas, reconciliações e fecundidade. A família é uma organização de vínculos que configura identidades e transmite uma história entre gerações.⁷ A expressão “uma só carne” designa uma aliança corporal e

³ Williamson HC. The development of communication behavior over the newlywed years. *J Fam Psychol*. 2021 Feb;35(1):11-21. doi: 10.1037/fam0000780. Epub 2020 Jul 13. PMID: 32658517; PMCID: PMC7856059. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7856059/>

⁴ Na Argentina, a Pesquisa Nacional sobre Uso do Tempo de 2021 mostra uma forte desigualdade no trabalho não remunerado entre mulheres e homens; a chegada do primeiro filho costuma intensificar essa tensão. Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC), Encuesta Nacional de Uso del Tiempo 2021. Resultados definitivos (Buenos Aires: INDEC, 2022).

⁵ Harris EA, Gormezano AM, van Anders SM. Gender Inequities in Household Labor Predict Lower Sexual Desire in Women Partnered with Men. *Arch Sex Behav*. 2022 Nov;51(8):3847-3870. doi: 10.1007/s10508-022-02397-2. Epub 2022 Sep 16. PMID: 36112330; PMCID: PMC9483460. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36112330/>

⁶ Cf. Carlos Avellaneda, *Yo y el otro en busca del nosotros: La vida en relación* (Buenos Aires: Guadalupe, 2021), 137–54, 183–205.

⁷ Cf. Eugenia Scabini y Vittorio Cigoli, *La identidad relacional de la familia*, trad. Ricardo Lázaro Barceló y Carlos Granados García (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014), 19–46, 69–94.

histórica na qual os cônjuges recebem um tempo comum: memória, promessa e abertura fecunda ao futuro.⁸

A Nota doutrinária *Una caro* retoma essa pertença recíproca nascida do consentimento, esclarecendo que pertencer não significa apropriar-se. Cada cônjuge se entrega e recebe o outro como sujeito irredutível. Os primeiros anos são decisivos porque é neles que os cônjuges descobrem que o “nós” inaugurado sacramentalmente deve se tornar carne por meio de atos concretos de amor.⁹

Cada um chega ao matrimônio com uma história, feridas e uma maneira particular de amar e de se deixar amar; a vida cotidiana revela diferenças antes ocultas, e o outro real não coincide com o outro imaginado. Isso pode ser vivido como uma decepção, mas pode ser também o verdadeiro começo do amor: me é oferecida a experiência espiritual de amar aquilo que não posso possuir. “Eu te recebo” significa receber alguém que não criei nem posso reconstruir à minha imagem; por isso, por trás de tantos conflitos, lateja uma pergunta mais profunda: há lugar para mim e para você em nosso “nós”? Isso nos obriga a afirmar com clareza que a comunhão cristã nunca pode ser confundida com dominação, abuso ou sacrifício unilateral.

Uma crise, portanto, não significa necessariamente que o vínculo tenha desaparecido; muitas vezes, é uma determinada forma de viver o “nós” que entra em crise. A chegada de um filho, a infertilidade, uma migração, uma doença ou o cuidado de pais idosos exigem a reorganização de tarefas, expectativas e pertencas — transições às quais *Amoris laetitia* e os *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial* convidam a dedicar atenção especial —,¹⁰ e, em cada uma delas, reaparece a pergunta: quem somos agora e como somos chamados a nos amar nesta nova situação? A fidelidade é a capacidade de recriar a comunhão por meio das transformações. “Cada crise esconde uma boa notícia que é preciso saber escutar, afinando o ouvido do coração” (AL 232).

3. O vínculo como lugar teológico

Chegamos assim ao núcleo sacramental já anunciado. Se o vínculo é sacramental, a vida cotidiana se torna um lugar teológico: o perdão que é difícil, a conversa que recomeça, a ternura recuperada, o cuidado do corpo doente, a decisão de pedir ajuda, a sexualidade como linguagem da doação e a distribuição justa dos cuidados. Francisco fala de uma espiritualidade matrimonial feita de “milhares de gestos reais e concretos” (AL 315). A graça não substitui a humanidade do amor, mas habita nela.

4. Acompanhar o vínculo e aprender com as famílias

O que significa, então, acompanhar os cônjuges em seus primeiros anos de casamento? Antes de tudo, reconhecer que não acompanhamos apenas dois indivíduos, mas um vínculo nascente, um “nós” ainda frágil e cheio de possibilidades. Os *Itinerários catecumenais* reivindicam um acompanhamento posterior à celebração e descrevem os primeiros anos como um tempo de catequese mistagógica.¹¹

⁸ Cf. José Granados García, *Una sola carne, en un solo Espíritu: Teología del matrimonio* (Madrid: Palabra, 2014), 177–202, 247–76.

⁹ Cf. Dicastério para a Doutrina da Fé, *Una caro: Elogio à monogamia*. Nota doutrinária sobre o valor do matrimônio como união exclusiva e pertença recíproca (25 de novembro de 2025), nn. 1, 5–7, 11–12, 151–55.

¹⁰ Francisco, *Amoris laetitia*, nn. 223–30; Francisco, *Amoris laetitia*, nn. 223–30; Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial: Orientações pastorais para as Igrejas particulares* (Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022), nn. 74–86.

¹¹ Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, *Itinerários catecumenais para a vida matrimonial*, especialmente os nn. 74–86; Comisión Episcopal de Laicos y Familia, *Aportes para la pastoral familiar de la Iglesia en la Argentina* (Buenos Aires: Oficina del Libro, 2009), n. 15 e cap. 6.

Mas essa catequese levanta uma questão própria: quem seriam os mais indicados para oferecer esse ministério? Aqueles que estão vivendo o sacramento, casais de diversas idades e com diferentes tempo de casamento, que experimentam a felicidade dessa forma de vida cristã. Não necessariamente os mais santos, mas sim aqueles que já há algum tempo reconhecem seus limites e suas feridas e, mesmo assim, encontram plenitude no sacramento. Estou convencida de que, dada a sensibilidade contemporânea, um dos motivos para a queda no número de casamentos é o fato de os jovens não verem muitos testemunhos de pessoas felizes entre nós, que somos casados.

Leão XIV lembrou que, diante das perguntas difíceis das famílias, não se trata de oferecer respostas precipitadas, mas de se aproximar e compreender, juntamente com as pessoas, como enfrentar suas dificuldades, pois, se Deus atua em sua história concreta, a escuta pastoral faz parte do discernimento da graça.¹² Cabe, então, perguntar-se por meio de quais modalidades concretas a pastoral familiar pode escutar e aprender com essa experiência.

E aqui gostaria de inverter a pergunta. Dez anos após a *Amoris laetitia*, não basta nos perguntarmos o que a Igreja pode fazer pelas famílias. Uma acolhida verdadeiramente sinodal exige que nos perguntemos também o que a Igreja aprende ao ouvir a experiência de fé dessas pessoas. Um casal que constrói um “nós” sem anular as diferenças pode ensinar muito a uma Igreja chamada à sinodalidade; um casal que atravessa o conflito sem transformar o outro em inimigo pode ensinar a viver consensos e dissensões sem abandonar a comunhão.

Como fazer, então, para que os casais jovens sejam protagonistas de seu próprio aprendizado e contribuam também para o caminho de outros casais de sua geração?

É difícil recomendar práticas de pastoral familiar aplicáveis a contextos tão variados quanto os que se dão nos diferentes lugares do mundo, mas será especialmente importante estar próximos dos casais em seus primeiros anos, que muitas vezes carecem de interlocutores com quem compartilhar suas dúvidas diante da descoberta da alteridade conjugal. São Agostinho dizia de si mesmo: “*mihi quaestio factus sum*”, “tornei-me uma pergunta para mim mesmo”;¹³ se nosso próprio ser permanece, em parte, misterioso, quanto mais o ser do outro, sendo que, além disso, mudamos com o tempo! O amor conjugal é, por isso, uma arte e um milagre: amamos aquilo que nunca esgotaremos, e os recém-casados precisam aprender isso com a ajuda da graça e de casais com boa experiência.

Os primeiros anos são decisivos não porque tudo deva ser resolvido neles, mas porque é ali que se começa a aprender — pela primeira vez e nunca definitivamente — a arte espiritual de ser cônjuges. Essa é a mistagogia matrimonial. O “nós” é recebido como dom e se torna uma tarefa: precisa ser cuidado, recriado, perdoado e, às vezes, reconstruído.

No seu íntimo, o matrimônio sacramental pode ser contemplado assim: duas liberdades que, sustentadas pela fidelidade de Jesus Cristo, fazem de seu acolhimento mútuo o sinal visível de um Amor maior. Esta é também uma mensagem para a Igreja e para o mundo: a unidade não exige suprimir a diferença; pertencer não significa possuir; cuidar não significa dominar; e a fidelidade permite atravessar as transformações sem abandonar a aliança.

¹² Leão XIV, “Mensagem aos participantes do seminário ‘Evangelizar com as famílias de hoje e de amanhã: desafios eclesiológicos e pastorais’”, 28 de maio de 2025.

¹³ Agostinho de Hipona, Confissões X, 33, 50.

Bibliografía

- Avellaneda, Carlos. Yo y el otro en busca del nosotros: La vida en relación. Buenos Aires: Guadalupe, 2021.
- Borobio, Dionisio. Pastoral de los sacramentos. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1996.
- Catecismo de la Iglesia Católica. Ciudad del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1992.
- Comisión Episcopal de Laicos y Familia. Aportes para la pastoral familiar de la Iglesia en la Argentina. Buenos Aires: Oficina del Libro, 2009.
- Concilio Vaticano II. Constitución pastoral *Gaudium et spes*. 7 de diciembre de 1965.
- Dicasterio para la Doctrina de la Fe. *Una caro*: Elogio de la monogamia. Nota doctrinal sobre el valor del matrimonio como unión exclusiva y pertenencia recíproca. 25 de noviembre de 2025.
- Dicasterio para los Laicos, la Familia y la Vida. Itinerarios catecumenales para la vida matrimonial: Orientaciones pastorales para las Iglesias particulares. Ciudad del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022.
- Francisco. Exhortación apostólica postsinodal *Amoris laetitia*. 19 de marzo de 2016.
- Granados García, José. Una sola carne, en un solo Espíritu: Teología del matrimonio. Madrid: Palabra, 2014.
- Harris, Emily A., Aki M. Gormezano y Sari M. van Anders. “Gender Inequities in Household Labor Predict Lower Sexual Desire in Women Partnered with Men.” *Archives of Sexual Behavior* 51, no. 8 (2022): 3847–70.
- INDEC. Encuesta Nacional de Uso del Tiempo 2021. Resultados definitivos. Buenos Aires: INDEC, 2022.
- Juan Pablo II. Exhortación apostólica *Familiaris consortio*. 22 de noviembre de 1981.
- León XIV. “Mensaje a los participantes en el seminario ‘Evangelizar con las familias de hoy y de mañana: desafíos eclesiológicos y pastorales’.” 28 de mayo de 2025.
- León XIV. “Mensaje con ocasión del décimo aniversario de la exhortación apostólica postsinodal *Amoris laetitia*.” 19 de marzo de 2026.
- Scabini, Eugenia, y Vittorio Cigoli. La identidad relacional de la familia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014.